

Em honra ao Dia Internacional das Mulheres

Via [International Viewpoint](#)

O objetivo desta peça é destacar a primeira onda do feminismo e fornecer algum contexto histórico para a criação do Dia Internacional da Mulher Trabalhadora no período da primeira e segunda décadas do século 20. Embora o Dia Internacional da Mulher ainda seja celebrado em todo o mundo, só recentemente suas raízes socialistas estão sendo revigoradas devido a uma nova onda de greves e lutas das mulheres pela violência contra as mulheres, a luta pela justiça reprodutiva e a autonomia do corpo das mulheres e as questões que envolvem tanto a exploração econômica das mulheres quanto a conjunção específica das opressões que as mulheres enfrentam diariamente devido ao racismo, capacitismo, sexismo (e misoginia) e à classe.

Seria de se pensar que, nos dias de hoje, a luta pelos direitos reprodutivos das mulheres teria deixado de ser uma luta; infelizmente isso não é verdade. Embora tanto a Irlanda como a Irlanda do Norte permitam agora o aborto legal (e, portanto, seguro), isso não é o caso em toda a Europa, pois o aborto é ilegal em Malta, Andorra, Cidade do Vaticano, San Marino e Lichtenstein. Na América Latina, o aborto é legal no Uruguai, Cuba, Guiana e agora na Argentina. Muitos países em todo o mundo ainda proíbem o aborto, alguns só o permitem se a vida ou a saúde física ou mental da mãe estiver ameaçada pela gravidez.

A vitória na Argentina pelo direito ao aborto foi uma dura luta durante mais de uma década e a luta em si foi parte de uma luta mais ampla pelos direitos da mulher em muitas questões como violência contra a mulher, feminicídio, lutas LGBTQ+, e direitos das trabalhadoras.

Compreender e celebrar tanto as vitórias quanto as amargas perdas na história de nossas lutas pode proporcionar não apenas orgulho pelo que foi feito, mas também esclarecer como avançar nas lutas pela eliminação do racismo, sexismo e misoginia e exploração econômica que dividiram e oprimiram a grande maioria das pessoas que vivem neste planeta.

Como Terry Conway afirma em “Solidariedade através dos Continentes para a Justiça Reprodutiva das Mulheres”:

A Campanha Nacional pelo Aborto Legal Seguro e Gratuito (Campaña Nacional por el Aborto Legal Seguro y Gratuito) foi criada em 2005 para fazer campanha sobre estas questões e semeou um grande número de grupos de apoio. A Rede de Docentes pelo Direito ao Aborto (Red de Docentes por el Derecho al Aborto -RDDA), campanha para que cada criança tenha acesso à educação sexual abrangente, enquanto a Rede de Profissionais da Saúde pelo Direito a Decidir (Red de Profesionales de la Salud por el Derecho a Decidir) defende que o acesso ao aborto legal é uma questão de saúde pública. Talvez a rede mais importante sejam as socorristas, “salva-vidas” feministas que deram apoio prático e emocional às mulheres que necessitam de abortos.

E a campanha em si é a criança de um movimento feminista mais amplo – uma Maré Verde como é conhecida – do qual Ni Una Menos (Não Uma a Menos) – o movimento contra o feminicídio – é de longe o mais conhecido fora do país.

O projeto de lei aprovado na Câmara Alta da Argentina em 29 de dezembro de 2020 legalizou o aborto até a 14ª semana de gravidez. O primeiro presidente argentino a apoiar a legalização do aborto, o presidente Alberto Fernandez apresentou o projeto de lei ao Congresso em novembro de 2020. Na manhã de sexta-feira, 10 de dezembro de 2020, o projeto de lei foi aprovado na Câmara dos Deputados por uma votação de 131-117.

Martina Rodriguez termina seu artigo “A Maré Verde na Argentina Lutando pelos Direitos do Aborto”, dizendo:

Os países da América Latina estão lutando pelos direitos reprodutivos e os movimentos feministas têm sua própria agência (portanto, abandonem o complexo do salvador branco, por favor). No entanto, a demanda deve ser como uma força internacional. Precisamos pressionar, não apenas em nossos países onde faltam direitos substanciais, mas também devemos defendê-los em todos os cantos do mundo e assegurar que as leis atendam às nossas exigências e sejam implementadas com justiça.

Afinal, trata-se realmente de nossas autonomias, nossa liberdade sexual e nossos direitos de escolher algo que não seja o destino em que eles querem nos encaixotar como vasos humanos.

Não vamos parar até que tenhamos a lei e uma mudança cultural. Será legal #SeraLey.

A história do Dia Internacional da Mulher

O Dia Internacional da Mulher (8 de março, IWD) foi originalmente chamado Dia Internacional da Mulher Trabalhadora. Era um feriado socialista estabelecido em 1911 pela Internacional Socialista e é comemorado por grupos de mulheres em todo o mundo. Em muitos países, é um feriado nacional e foi recentemente reconhecido oficialmente pelas Nações Unidas. Entretanto, até os anos 70, com o advento de um novo movimento de mulheres, as raízes radicais da classe trabalhadora do 8 de março haviam sido praticamente esquecidas. Devido à sua inclinação socialista, ela foi excluída da memória dos Estados Unidos, assim como o Dia do Trabalho substituiu o Dia do Trabalhador, exceto em pequenos enclaves de imigrantes ou em grupos sindicais radicais. Na Europa e no resto do mundo, continuou a ser amplamente celebrado, mas tendia a honrar as mulheres apenas no nome,

principalmente com flores ou simplesmente colocando o rosto de uma mulher em uma agenda masculina. O 8 de março, de fato, foi o ponto culminante de um século de mulheres trabalhando no movimento trabalhista, feminista, socialista, anti-escravidão e de segregação para reunir os interesses comuns da classe trabalhadora e das defensoras dos direitos das mulheres.

Houve várias grandes tendências que levaram ao estabelecimento do Dia Internacional da Mulher:

A primeira foi um fervor revolucionário na Europa e nos Estados Unidos em direção ao socialismo, à democratização e ao voto. Na Europa foi exemplificado por um movimento de homens da classe trabalhadora sem propriedade buscando o voto para promover um governo socialista, paralelo a um movimento de mulheres de classe média para conseguir o voto. Esta situação foi espelhada nos Estados Unidos pela luta para conseguir o voto para os homens negros e as mulheres brancas. As contradições entre estes dois tipos de movimentos por sufrágio eram evidentes (deveríamos lutar para que os homens sem propriedade ou negros conseguissem o voto, mesmo se as mulheres fossem excluídas?) A solução, naturalmente, era conseguir o voto para ambos os grupos.

Clara Zetkin estava entre os primeiros socialistas a ver as mulheres da classe trabalhadora como a força motriz para o sufrágio universal (todas obtêm o voto independentemente da qualificação da propriedade à qual estava historicamente vinculada), já que elas transpuseram a clivagem, mas mantêm o princípio de uma agenda socialista revolucionária. Foi Clara Zetkin quem defendeu a fusão do movimento socialista de classe trabalhadora e do movimento de mulheres através do estabelecimento do Dia Internacional da Mulher como uma forma de avançar os objetivos tanto do trabalho quanto das mulheres. Zetkin se opôs à abordagem etapista do Movimento das Mulheres na Grã-Bretanha, que defendeu primeiro a obtenção do voto das mulheres acima de uma certa idade com propriedade (o centenário da Lei da Representação do Povo de 1918, que deu a

todos os homens britânicos acima de 21 anos o voto e às mulheres com propriedade e a mais de 30 anos o voto na Grã-Bretanha) e depois, mais tarde, que as mulheres sem propriedade fossem concedidas o sufrágio. Foi preciso mais uma década, 1928, para que as mulheres sem propriedade obtivessem esta concessão.

Em 1906, Zetkin aborda por que os socialistas deveriam apoiar o sufrágio feminino e o sufrágio universal:

Devemos sempre pressionar sobre a questão do Sufrágio da Mulher quando estamos agitando sobre o Sufrágio. Sempre argumentamos na agitação do Sufrágio que era uma questão de igualdade de direitos para homens e mulheres, e devemos continuar a fazê-lo até sermos bem sucedidos. Devemos estar unidos. Sabemos que não alcançaremos a vitória do Sufrágio da Mulher em pouco tempo, mas sabemos também que em nossas lutas por esta medida revolucionaremos centenas de milhares de mentes. Continuamos nossa guerra, não como uma luta entre os sexos, mas como uma batalha contra o poder político das classes possuidoras; como uma luta que continuamos com todas as nossas forças e principalmente, sem ódio ao outro sexo; uma luta cujo objetivo final e cuja glória será que nas mais amplas massas do proletariado surja o conhecimento de que quando o dia do desenvolvimento histórico tiver progredido o suficiente, então o proletariado, em sua totalidade, sem distinção de sexo, será capaz de chamar à ordem capitalista da sociedade: "Vocês descansam sobre nós, nos oprimem, e, vejam, agora o edifício que vocês ergueram está cambaleando até o chão (Social Democracia e Sufrágio da Mulher, 1906).

A primeira vitória clara em que a liderança das mulheres da classe trabalhadora após o estabelecimento do 8 de março foi a organização dos trabalhadores têxteis e do sufrágio feminino nos Estados Unidos e a segunda vitória foi a Revolução Russa em 1917 que começou com uma greve maciça das mulheres trabalhadoras têxteis em Petrogrado (São Petersburgo) no Dia

Internacional da Mulher. Esta greve foi convocada contra as ordens dos sindicatos e partidos políticos de esquerda. As greves acenderam o fósforo de um país no limiar; dobraram em tamanho para 200.000 trabalhadores e nos dias seguintes, 66.000 homens da guarnição do exército local uniram forças com os grevistas. A Revolução Russa de fevereiro começou e o czar foi forçado a abdicar.

O segundo fator importante foi o aumento do número de mulheres no movimento trabalhista, particularmente na indústria têxtil, já que cada vez mais mulheres foram puxadas para dentro das fábricas e para fora dos lares com o aumento do capitalismo industrial. Sua luta para se libertar do lar patriarcal e obter condições de trabalho decentes no mercado, em vez de serem vistas como mão-de-obra barata, é exemplificada no apelo por "pão e rosas". As greves têxteis que começaram em 1857 e as greves maciças entre 1908 e 1915 foram a expressão ativista da luta das mulheres pelo poder. Isto foi especialmente verdadeiro após o horror da greve da fábrica Triangle Shirtwaist onde a maioria das trabalhadoras, mas também crianças e alguns homens foram mortos em um horrível incêndio de fábrica logo após uma greve dos trabalhadores têxteis (O Levante dos 20.000) na cidade de Nova York exigindo reconhecimento sindical, melhores salários, condições de trabalho e medidas de saúde e segurança.

Enquanto inicialmente o movimento feminista se concentrava em questões de direitos humanos para as mulheres como o sufrágio, muitas das mulheres se sentiram aliadas às lutas da classe trabalhadora por salários e direitos dignos e assumiram o chamado de que liberdade e igualdade para um grupo significava liberdade e igualdade para todos. Embora o movimento anti-escravidão pareça distinto, o fim da escravidão empurrou todos os trabalhadores, negros e brancos, para a mesma luta trabalhista que os trabalhadores assalariados. Uma vez que isso ocorreu, cabia aos grupos anti-racistas lutar pela igualdade dentro do movimento trabalhista. Isto, naturalmente,

sempre levantou a questão da igualdade para o outro grande grupo excluído da igualdade na força de trabalho – as mulheres.

Estes movimentos, ocorridos num curto período entre o fim da guerra civil e o fim da Primeira Guerra Mundial, proporcionaram a base teórica e ativista para tentar unir diversos grupos na luta revolucionária. A formação do 8 de março foi um esforço explícito para unir os interesses e teorias da mulher e do trabalho masculino (incluindo os trabalhadores de cor que estava implícito na agenda socialista) sob uma agenda socialista revolucionária em apoio ao sufrágio universal e à igualdade econômica. Os seguintes trechos (que esperamos que vocês leiam, vejam, explorem e apreciem) são apenas uma amostra de algumas das ações e palavras de algumas mulheres e movimentos trabalhadores proeminentes.

Precisamos voltar à ascensão do movimento operário pós-Guerra Civil e à primeira onda de feminismo para ver as inevitáveis contradições de classe que surgiram entre as mulheres da burguesia e as mulheres da classe trabalhadora. As diferenças de abordagem são óbvias quando olhamos para as questões. As mulheres burguesas que defendem o sufrágio feminino ligaram-no à qualificação da propriedade e argumentaram que as mulheres, como grupo, deveriam ser enfrentadas sem olhar para como isso deixou negras e muitas trabalhadoras sem direito a voto. O movimento contra a natalidade também acabou se ligando a grupos eugênicos que estavam alinhados a questões repugnantes que visavam os pobres, os deficientes e as pessoas de cor.

Para ganhar a igualdade para todas as pessoas, as mulheres de esquerda argumentaram que a exploração econômica e social endêmica ao sistema capitalista seria eliminada pelo triunfo do socialismo. Embora o sufrágio e o acesso ao controle da natalidade fossem questões de reforma claramente importantes, elas não permitiriam, por si só, a igualdade de todas as

mulheres, ou, aliás, de todas as pessoas. Entretanto, quando os homens reformistas optaram por limitar seu chamado para o voto aos negros e aos homens de trabalho sem fins lucrativos – esquecendo que isto ainda excluía as mulheres – a dinâmica mudou e nasceu o chamado para os socialistas incluírem especificamente as mulheres em sua demanda pelo voto.

Este é um extrato de um artigo no Daily Kos “ACM: In Honour of International Women’s Day – In the Words of our Founding Mothers” (em homenagem ao Dia Internacional da Mulher – Nas Palavras de nossas Mães Fundadoras). As autoras disseram: “O que decidimos fazer foi permitir que as mulheres falassem por si mesmas, por isso reproduzimos algumas citações dessas mulheres”. Queríamos discutir não apenas as mulheres que eram conhecidas como líderes ou que foram anunciadas durante seu tempo; queremos também lembrar as vozes daqueles que lutaram no chão da loja, aqueles que se tornaram “líderes” devido às circunstâncias. Suas ações e discursos inspiraram e comoveram outros e ainda são relevantes”. Para essas citações, por favor, vá para o artigo original.